

# QUANDO A CIDADE NÃO É SÓ DOR DE CABEÇA

CARMINDA MENDES ANDRÉ<sup>[42]</sup>

*Para Denise Rachel,  
a aprendiz, a artista, a professora, a mulher,  
todas admiráveis*

Marco zero: Instituto de Artes da Unesp.

Do quinto andar do prédio novo do Instituto de Artes elas puderam contemplar a oeste, aproximadamente a 3 km, um por do sol desbotado engolindo belas formas de edifícios em construção; a leste, com a mesma distância aproximada, outros conjuntos de belíssimos edifícios enchem os olhos com suas cores brancas e ocre embaixo de um azul desbotado sem nuvens. Ao norte já com distanciamento maior, puderam ver outras formas, essas arredondadas, verdadeiras esculturas para um olhar de poeta, formas vazadas e preenchidas com a cidade vertical ao fundo, já meio esfumada. São os brinquedos do Play Center que está instalado na beira da marginal do rio Tietê. Voltando-se para o sul, depois da linha do trem/metrô Barra Funda, um enorme prédio da Uninove (Universidade Nove de Julho) barra a vista para o Parque da Água Branca.

De cima tiveram a visão de uma cidade que se verticaliza rapidamente com suntuosas torres. Há uma que lembra, inclusive, a forma da famosa torre de Babel. Ao imaginar a vida prometida do progresso, do sucesso, do confortável, do glamour tão divulgada nos folhetos de propaganda imobiliária que recebemos nos faróis, certa sensação de poder as invade. Elas olham como quem contempla uma totalidade, como quem contempla o mundo, olham de cima para baixo. Do topo do Edifício em que estavam a cidade parece um lugar dominado por forças invisíveis e poderosas, e, naquele instante, cada uma delas fez parte daquele poderio. Suas faces se enrubesceram de euforia. A sensação foi tão forte, que

ousaram se perguntar em segredo: olhar de Deuses? A cidade aparenta um espetáculo simbólico do progresso humano! Elas, então, ganharam um eu cada uma: Denise, Caio, Carminda, Diego, Bárbara.

No entanto, com o olhar mais demorado, o coração se acalma, a euforia vai se tornando branca, até gelar a face. Então, outra sensação, contraditória, começa a tomar conta fazendo-as pequenas, tão pequenas, que se perceberam quase insignificantes diante da janela. A paisagem se torna árida, desumana. A sensação é tão forte que ousaram se perguntar: realmente estamos vivas?

Diego e Barbara convidam todos a descer, para *caminhar* ladeando a calçada que emoldura todo o prédio quando visto à pino. Estavam à sul, na calçada em frente ao terminal de metro Barra Funda. Entre elas e a calçada, havia uma estreita rua com intenso fluxo de ônibus, táxis e carros de passeio. O barulho era ensurdecador. As pessoas andavam com muita pressa, andavam com aparelhos nos ouvidos, andavam ensimesmadas, pareciam fugir dali com rapidez. E elas também tiveram vontade de fugir, mas continuaram rumo ao sol que se punha rapidamente. Depois de contornar um corpo que dormia enrolado em uma espécie de lona, chegaram ao extremo sul que tem a forma do cabo da boa esperança. Nesse lado há um terreno gradeado e um estacionamento pago; do outro, podiam ver por baixo do viaduto Antártica, Pichações no concreto. Para quem anda apressado nada mais aparece. Mas para seus estados desacelerados, foram impulsionadas a atravessar a rua e perceber, por entre buracos no concreto, a existência de indivíduos-moradores-do-concreto-viaduto. São vistas por eles, homens que olham assustados e bravos.

Rapidamente retomam a viagem e dobram o “cabo da boa esperança”. Mais adiante, ao que chamaram de norte, descortina-se um fragmento do que teria sido uma vila operária. Casas geminadas, ruas bem limpinhas, mas com casas gradeadas. Uma saudade de promessa de felicidade para a gente simples. Para quem olha do lado de cá da calçada, as ruelas lembram a de um antigo bairro residencial, de gente trabalhadora; um lugar sossegado em que crianças e

vizinhos podiam sair às ruas para conversas e as crianças a brincar. No leste, a paisagem muda radicalmente. Na calçada em que estavam havia duas ou três barraquinhas de camelôs. Do outro lado, puderam ver lanchonetes e bares agitados, barulhentos, mesas na calçada com gente falante. Novamente o fluxo de ônibus e carros reaparece. Tudo as faz voltar à realidade urbana de uma grande metrópole de terceiro mundo. Ainda no leste, avistaram uma praça de aspecto tristonho, com diferentes tipos de usuários: família acampada, mendigos, trabalhadores em descanso, mães com carrinhos de bebes, mulheres com malas.

Completam a volta e, em frente ao portão de entrada do Instituto de Artes da Unesp, observam os transeuntes. Passaram homens elegantes com roupas caras, passaram mulheres vestidas com roupas de atacadão, passaram jovens com vestimenta de quem mora na periferia, passaram universitários bem nutridos e cabelos coloridos, há bolivianos de todas as idades, há gente de tudo quanto é cor, gente rindo e gente séria, gente triste e gente com ar de indiferença. Já havia visto funcionaria do metrô chorando. Já havia visto chofer de ônibus responder a alguma brincadeira que lançavam para a rua.

O trajeto deixou-as extenuadas, com dor de cabeça. Estavam irritadas, mas com a sensação de que tudo ali pulsa. Uma tristeza domina e depois uma sensação de impotência. Perguntam dramaticamente: a vida é isso? Denise ousa segredar às outras: “Nesse momento, será que nossos corpos habitam sentimentos de algum Deus terrível?”

Ainda na calçada, Bárbara fecha os olhos. Tenta lembrar, mas esqueceu-se completamente daquela visão do alto; não conseguia reconhecer aquela *aérea* Barra Funda cheirando a perfume francês diante dessa *terrena* Barra Funda desdentada.

Diego aperta os olhos ainda na calçada. Como poderia compreender aquilo tudo? Caio pergunta porque Alguém insiste em colocar roupas que formam ondas horrendas na estética geral do corpo? Ao que Denise indaga: Porque querem um cabelo que nunca terão? Ao que Carminda responde: Porque o

branco dos cabelos desqualifica a mulher madura em favor da tinta nos cabelos quando há disputa por um lugar no transporte público?

Diego fecha novamente os olhos e já está na plataforma do metrô lotado. Enquanto pensava com mal estar no aglomerado dos corpos, guardas armados adentram aos vagões a procura de um ambulante: foi denunciado por um usuário que se sentiu com a privacidade invadida pelo quase pedinte ambulante que não passava dos 16 anos de idade. Em meio à dores físicas e simbólicas, lembra-se das ideias deleuzianas sobre a tal “sociedade do controle”<sup>[43]</sup>. Neste instante Alguém torce e retorce seu corpo para caber em normatividades estranhas aos seu modo de vida. Estranhas à própria humanidade! Como suportar, todos os dias, entrar em um vagão superlotado?

Como aceitar isso sem uma dose cavalgar de ódio que nos transforma em vingadores do futuro, pensaram elas em unísono?

Caio: “Essa violência invisível emerge rapidamente quando artistas e professores realizam intervenções poéticas em lugares como o metrô Barra Funda. No meio da jornada assiste-se artistas impedidos de continuar seja pelos seguranças do metrô seja pela guarda metropolitana ou polícia civil.” Ao que Diego continua: “Todos estão legitimados pelo poder estatal para impedi-los de poetizar esse lugar de uma pobreza enorme de cores de beleza de conforto.” Barbara, Denise e Carminda acabam por concordar com os filósofos pós-modernos quando vêem o menino de rua com sua roupa impropria, com seu cabelo improprio, seu linguajar, seus gestos ou olhar impróprios para ser um usuário das lanchonetes do metrô; também percebem o controle pelas filmadoras, pelos radares de velocidade, pelo revólver do policial, pelas roupas da moda que fabricam corpos quase idênticos, cabelos quase idênticos, maquiagem quase idêntica, modo de mexer no cabelo quase idêntico, modo de andar e falar com as mãos, tudo quase idêntico aos modos dos atores e das atrizes das novelas de televisão em corpo completamente diferentes desses. Denise, Barbara e Carminda veem que o andar da maioria das jovens transeuntes as lembra o

mesmo andar das modelos em passarela, ou dos rapazes imitando personagens viris dos filmes comerciais norte-americanos. Sentem no corpo a sociedade da mesmice. A singularidade é ofensiva e, por uma espécie de instinto de camaleão, aprumam o corpo igual, usando roupas iguais, formatando a máscara facial igual. As quatro, transformam-se em Ninguém na mesmice.

Denise se coloca na fila, Bárbara no fluxo de pedestres à direita que vai e à esquerda que vem, contribuindo para simular uma rua de mão dupla, faz parte do grande corpo-máquina obedecendo a sinalização de trânsito. Que tipo de subjetividade manteriam seus corpos máquinas, pensa Diego? Entre roupas e cheiros Caio percebe, em seu desconforto delirante, uma briga entre a obediência à moda e a desobediência do corpo que insiste em ser diferente. Diego, como se captando o pensamento de Caio em telepatia, verbaliza: “Desobediência performatizada nos tantos de corpos que escapam por entre as calças ou blusas desajustadas, por entre suas carnes, seus cabelos brancos.”

Carmina abre os olhos no delirante pensar e novamente sem saber como chegou diante da Universidade, escuta a rua com seu barulho acima do suportável. Mas repara também no sol que embeleza os seres e as coisas.

Bárbara conta que Michel de Certeau escreveu um belo trabalho sobre os usos da cidade realizada por cidadãos supostamente entregues à passividade e à disciplina, em estudo intitulado *A INVENÇÃO DO CONTIDIANO* (1994)<sup>[44]</sup>. “Em sua pesquisa de campo, como andarilho da cidade de Paris, De Certeau percebe que, além dos percursos instituídos pelo poder público (urbanização), havia atalhos criados pelos transeuntes, desvios das rotas de comando, pequenas ações indisciplinadas. Dentro do mapa estratégico do dominador, atalhos pouco visíveis são abertos pela errâncias tática dos dominados.”

Voltam-se novamente para olhar o terminal e percebem que muitos transeuntes se recusam a atravessar no farol que está a uns 50m dali. Buscando encurtar o trajeto, indisciplinados como elas, muitos atravessam ali mesmo,

entre carros e ônibus. Foram colocadas grades e outros dispositivos para lhes impedir de atravessar naquele lugar, mas, sem sucesso.

Havia, portanto, dois discursos imperando nos usos da cidade. O primeiro, em poder do município, regido pelas leis de urbanismo, regras elaboradas e executadas pela lógica da estratégia. O outro, em poder do transeunte, regido pelas facilidades, desobediências, executado pela lógica da tática. Enquanto Barbara pesava com De Certeau, Caio perguntava o porquê de uma terminologia bélica para falar da cidade? Estariam diante de vestígios de uma batalha sangrenta ou estariam em meio a uma guerra sem o saber? Denise sangra e vai ao hospital.

O território conquistado de visão privilegiada sobre o deslocamento dos corpos dos que estão abaixo, torna-se panótipo, lugar de vigilância dos possíveis pontos de fuga, dos possíveis esconderijos. Impõe-se regradar para localizar e controlar. Apropriação, proprietário, desapropriação, desapropriado são palavras que chegam à mente das quatro Ninguéns.

“No ‘baixo’ vive o grupo dos enfraquecidos: trabalhadores, estudantes, artistas, alcoólatras, presos em momento de indulto, prostitutas, imigrantes, refugiados crianças”, comenta Diego. “Não há notícias de proprietários em desfile pelas plataformas mesmo em horários vazios”, esclarece Denise ainda internada. E segundo De Certeau, são os desapropriados que desenvolvem modos de agir rápido e imperceptível para tirar vantagem da ocasião.

Bárbara grita baixinho para as outras ouvirem: “Olha!”

Olham. Novamente o corpo escapa, mas dessa vez não para se conformar à roupa da moda. Como forma de resistência à tal dominação aérea, o terrestre se camufla. Passa despercebido. Desenvolve a atenção de caçador. Imperceptível, camuflado entre roupas e concreto, atrai a presa e lhe arranca o pingente do pescoço, arranca-lhe a desatenção, arranca-lhe a anestesia.

“São essas as inapropriações do menino de rua, do ladrão, do artista. Um fazer imediatista. Uma ação com objetivo imediato e sem finalidade”, deduz

Carminda.

“Uma visão de quem não vê ao longe, mas de quem conhece os detalhes do território, de seus buracos invisíveis. Agem com a ocasião. Foi o que concluíram.

(pausa)

Na observação dos carregadores de bagagem do terminal, em uniforme amarelo quase mostarda, elas tiveram uma ideia. Foi desse modo que atacaram a população com o programa performativo CARREGADOR:

“Errem pela cidade segurando duas sacolas de feira coloridas vazias. Interpele o transeunte e peça para que ele lhe conte uma dor. Para cada dor contada, peça que o narrador escolha uma pedra que dimensione o peso, o tamanho, a temperatura, a textura, a cor dessa dor. Carreguem essa dor com vocês. Continuem errando pelas ruas, interpelando os transeuntes, até não suportar mais carregarem as dores.

Na volta à sala de trabalho, em roda, deposite todas as pedras no meio da roda e escolham compartilhar narrativas que lhe atravessaram. Escrevam essa experiência (da narrativa escolhida) para compartilhar com o coletivo.”

Os espertos saiam de banda. Os desatentos fígavam a isca e se permitiam a troca poética e filosófica da proposição.

Finalmente resolvem entrar para o Campus da Unesp e sentar ao lado de uma grande árvore (que já foi arrancada sob a suspeita de que estava doente somente porque um de seus galhos havia despencado em cima da placa de vidro que levava o nome da instituição). Estavam desorientadas, prestes a rebentar. Foram abordadas por estudantes perguntando se elas conheciam o Largo da Banana. Não conheciam, mas sabiam que ali tinha sido o berço do samba paulista segundo alguns. Sabia que localizava-se na barra funda. Então, continuaram eles: Cantem um samba e escolham uma banana, um doce de banana ou um copinho de pinga 51 para trocar conosco. TROQUE BANANA POR SAMBA, continuaram eles enunciando sua intervenção urbana. De repente

Carmina estava em 2011 sem Diego, sem Caio, sem Bárbara e sem Denise mas com Milene Valentir Ugliara e Diga Rios<sup>[45]</sup>. E cantaram:

Fiquei sem o terreiro da escola / Já não posso mais sambar. / Sambista sem o Largo da Banana / A Barra Funda vai parar. / Surgiu um viaduto, é progresso / Eu não posso protestar / Adeus, berço do samba / Eu vou-me embora, vou sambar noutra lugar.

GERALDO FILME

Os estudantes saíram entusiasmado, cantando outros sambas em batucada desafinada rumo ao terminal. O corpo de Carmina parecia em completo esgarçamento como se a história da expulsão dos negros acontecidas na região se performassem diante delas, como se algum Deus da guerra praticasse brincadeira de mau gosto dentro de sua cabeça.

A história se passa como um filme na cabeça de Carmina, um documentário. Escuta a voz do ator Caio Franzolin enquanto as imagens passam:

“A partir do final da década de 1980, a parte da várzea da Barra Funda, chamada anteriormente de Barra Funda de baixo (parte de moradores mais pobres) entra no plano de governo do município, como alvo de exploração imobiliária para se igualar à já valorizadíssima Barra Funda de cima (vista a oeste). Para tanto, foi preciso criar um plano estratégico para a “revitalização” da área para sua valorização de mercado. A construção do terminal de metrô e o Memorial da América Latina formam intervenções urbanísticas dentro desse planejamento municipal. Foram instalados shoppings centers e universidades na região também. Atualmente a região é um verdadeiro canteiro de obras faraônicas, compostas por construções suntuosas”.

Carmina acorda desse sono estranho e sai correndo ao encontro das outras que seguiam os estudantes. E gritou:

– Meus filhos, esperem. Querem saber o que aconteceu com a população de negros e operários italianos que ali viviam? Querem conversar com o bairro? Mas vocês são estrangeiros na Barra Funda, assim como esses que passam!? Não



sabem de nada. Ao que os estudantes, juntamente com seus professores, respondem em coro:

– Por isso mesmo tivemos que inventar essa intervenção urbana. TROQUE BANANA POR SAMBA é um modo poético de conversar com a cidade, e, conhecer suas histórias. Encontramos o Largo da BANANA pela voz de um taxista que, quando criança, vinha com sua mãe ao Largo para comprar alimento. Ali existia uns botequins em que os sambistas, em sua maioria negros, se sentavam e batucavam. O Largo era um lugar por onde chegavam as mercadorias. E os negros trabalhavam de carregadores ou outro tipo de trabalho pesado.

No banco da praça tristonha encontra-se Carminda e Denise (bem antes de sangrar). Pensam: “Meus Deuses! Os alunos e ex-alunos nos ensinando tudo isso? Que espécie de processo arte educativo é esse?” Olham no calendário e já se dão conta que estão em 2013. E novamente são assaltadas pela algazarra de estudantes de artes cênicas em aula de intervenção urbana. Observam a praça tristonha em grupos pequenos. Recolhem objetos do lugar: pedra, fragmentos de uma carta emocionada, bitucas de cigarro, latinhas, pets, restos de madeira queimada, pessoas em situação de rua em acampamento (colchão, barraca). De repente uma escultura construída com os dejetos da praça inicia-se pelas mãos dos estudantes que, vez em quando, convidam os curiosos a participar da composição artística. A praça ficou mais alegre. A escultura é lida pela cidade como um discurso crítico à falta de limpeza do lugar público. As duas apenas observam.

Mas os moradores ali da praça, principalmente a presença feminina as fere nas mãos e nos pés, como se fossem Jesus na cruz dos romanos. Com as mãos no rosto elas choram em dueto e Denise começa a sangrar.

De um repente, próprio de um Deus brincalhão, o bêbado aparece cantando um samba saído de uma boca desdentada e sorridente cambaleando um corpo que parece dançar. Não tem como não sorrir. Ele é Deus e elas, Carminda,

Denise e miraculosamente Milene, o reconhecem mesmo sem saber o nome. Sua intervenção suscita uma passagem alegre que tiveram na universidade em 2010 juntamente com o artista Duda Penteado<sup>[46]</sup>. Foi a primeira incursão que realizam nos arredores da Barra Funda. Re-performaram o MANIFESTO DO PIJAMA criada por ele na cidade de Nova York. O “Pijama” para Duda é metáfora crítica a todo tipo de dormência e massificação mental representada pelos uniformes de trabalho, principalmente o terno e a gravata. Com seus pijamas entraram para realizar ação performática no Museu da América Latina. O contraste do entusiasmo com a aridez do lugar (enormes distâncias cimentadas) as fez pensar que alguma coisa estava equivocada por ali. E, ao olhar a tristeza material da praça e a alegria do bêbado sambista, colocaram-se a pensar em forma poética:

Será que a vida  
é tecido,  
de linhas verticais,  
bordando no que sobe ao céu, refinada beleza humana  
enquanto, e na mesma velocidade, bordando no que desce  
a feiura da desumanidade?

“Onde nos colocar para olhar esse tecido?” indaga Diego que aparece do Nada. Nesse momento escutam uma voz conhecida, é Bárbara e Caio:

– Vejam o horizonte, vejam o pôr do sol, que lindo visto daqui!

Abrem os olhos como se tivessem adormecido em frente a janela do quinto andar de onde contemplavam a barra funda pela visão aérea, Denise, Caio, Bárbara, Diego e Carmina. E, de fato, acontecia um pôr do sol maravilhoso.

A estudante veio chamar. Estavam todos prontos. Naquele dia a aula seria na rua, junto com o DESVIO COLETIVO, estavam em 2014. Sairam para performar a intervenção urbana OS CEGOS que ganhou força pelas capitais nacionais e internacionais por conta da militância de seus propositores Marcos Bulhões, Marcelo Denny e a encontadora Priscila XXX.

No jargão popular se diz: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. Depois de sete anos viajando no entorno da estação de metro barra funda, artistas e estudantes de artes do Instituto de Artes da UNESP se tornam parte da paisagem do lugar.

Em 2017, estavam andando pela barra funda e observaram grupos de estudantes fazendo estudos de observação no entorno. Êpa, conhecemos essa turma, é o primeiro ano afirmou Denise da cama de hospital. Estão criando programas performativos para o terminal Barra Funda. Lição de casa. Uma semana depois um dos grupos chega com cartolinas, pinceis, uma corda de pular. Pareciam preparar uma aula para educação infantil. Pensou Carminda: “isso vai ser um fiasco. Já estou com pena desses jovens, com carinhas de anjo, voltando revoltados e frustrados da rua. Quem vai aderir a essas brincadeiras infantis? Bem, a aula é para dar noção de realidade a eles. Vamos lá, a realidade é dura e cruel. Eles vão crescer”. Foram andando pelas escadarias do terminal e encontrando cartazes escritos à mão, de forma quase infantil: “Venha brincar conosco”. Diego chora. Ele sempre chora. Os cartazes pareciam funcionar como umas setas indicativas para o lugar da brincadeira. Carminda queria ver quanto tempo isso duraria nas paredes! Demoraram-se, pois queriam observar outros grupos em performance. Quando adentraram ao terminal ouviram, de longe, uma algazarra. Viram ao longe uma fila, pessoas cantando, bexigas... uma espécie de play ground? Uma fila enorme: meninos de rua, jovens altos, jovens coloridas, senhoras, todos aguardam na fila do pula-corda com direito a música à moda escolar. Diego chora, Barbara chora. Denise sangra. Carminda vira pedra.

Nem policial, nem segurança, nem a indiferença fizeram barreira aquele dia. Parecia que todos tinha resolvido instituir o inapropriado. Pois elas estavam quase comemorando: “A arte venceu!”, quando Stenio, que ali observada invisível, as lembra que era véspera do dia das mães. De que nesse dia – seja por cinismo, compaixão ou sabemos lá o porquê se passar pela cabeça de um dirigente político – o fato é que naquele dia as regras de vigilância são afrouxadas

para dar lugar ao sentimentalismo piegas dos vendedores de fogão, geladeira e panelas. Marco zero. Sem nomes. Ninguém novamente.

Maio de 2018

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Foucault, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, Vozes, 1987.

DE CERTEAU, Michel. **Artes de Fazer I. A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

MARQUES, Diego Alves. **Experiências erráticas**: pistas para a desobediência das performances corporais cotidianas urbanas. São Paulo, 2017. 120f. Dissertação de mestrado em Artes. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes, 2017.

UGLIARA, Milene Valentir. **Errâncias na metrópole**: a experiência do Coletivo Mapa Xilográfico. Dissertação de mestrado em Artes, PPGA, IA – UNESP, 2013.

RACHEL, Denise P. **Adote o artista, não deixe ele virar professor**: reflexões em torno do híbrido professorperformer. 2013. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo.

ANDRÉ, Carminda Mendes. Arte como mediadora de afeto. In: **Rebento**: Revista de artes do espetáculo. UNESP-IA, n. 4. São Paulo: Instituto de Artes, 2013